

PEDAGOGIA DO AFETO: A IMPORTÂNCIA DAS RELAÇÕES AFROAFETIVAS NA FORMAÇÃO DE EDUCADORAS NEGRAS

Waleska Ramona Lima Carneiro¹ ; Vitória Emile Santos de
Paula²

¹Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará,
Brasil, waleska.ramona@aluno.uece.br

²Graduanda em Pedagogia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Fortaleza, Ceará,
Brasil, vitória.emile@aluno.uece.br

Introdução

A formação de mulheres-negras-educadoras ocorre em um cenário marcado por desafios estruturais que atravessam diversas esferas sociais (XAVIER e MEIJER, 2023). Nesse contexto, a Afroafetividade surge, então, como um elemento fundamental, pois valoriza a ancestralidade, os saberes tradicionais e as trocas afetivas como estratégias de resistência ao racismo institucional presente nos espaços acadêmicos (SANTOS, 2022). As relações afrocentradas não apenas ressignificaram nossa vivência acadêmica, mas também revigoraram nossa atuação profissional, permitindo com que desenvolvêssemos práticas pedagógicas mais inclusivas e representativas.

Assim, esse estudo tem como objetivo geral, discutir a importância desses vínculos afroafetivos na trajetória de mulheres negras no curso de Pedagogia, com isso, pretendemos abordar nossas experiências, afetos e aprendizados que compartilhamos ao nos conhecermos na graduação, ressaltando a relevância desse processo no contexto universitário, nas descobertas que realizamos sobre nós e como isso contribui para uma prática docente comprometida com as relações etnico-raciais.

Metodologia

Este estudo consiste em uma pesquisa qualitativa, caracterizada como relato de experiência, fundamentada em nossas escrivivências (EVARISTO, 2020), que articula nossas vivências proporcionadas durante o curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Ceará (UECE) à criação de um conhecimento situado e engajado com uma perspectiva afrocentrada.

Para enriquecer a análise, o trabalho também dialoga com referenciais teóricos incluindo autoras como Marília Xavier (2023), Rebeca Meijer (2023), Sandra Petit (2015), Bell Hooks (2019 e 2021), entre outras(os).

Resultados e discussão

A construção da identidade de mulheres-negras-educadoras não se dá de forma linear, mas atravessa caminhos de reconhecimento, pertencimento e resgate afetivo. Ao ingressarmos na Universidade Estadual do Ceará (UECE) em 2023.2, nós - Waleska, Luana e Vitória - nos encontramos em um espaço onde, no grande grupo de amigas, éramos as únicas mulheres negras. Nossa amizade floresceu, não apenas pelo compartilhamento de experiências, mas pela necessidade de nos enxergarmos e nos afirmarmos enquanto corpos negros dentro de um ambiente acadêmico majoritariamente branco, estruturado por epistemologias eurocêntricas. Como apontam Xavier e Meijer (2023) "[...] as marcas e consequências do processo histórico violento e aniquilador para com povos negros e africanos, nos impossibilitou sobre o conhecimento de “quem somos”, o que interfere diretamente na perspectiva coletiva de “para onde vamos?”." Dessa forma, a entrada na universidade, muitas vezes, intensifica um sentimento de deslocamento, diante de um espaço onde a vivência universitária pode tanto reafirmar violências estruturais quanto possibilitar resistências através de estratégias pedagógicas e afetivas.

Nesse sentido, durante a graduação, o vínculo entre nós três facilitou o processo de afirmação identitária, letramento racial e pertencimento acadêmico, fortalecendo não apenas nossa amizade e permanência universitária, mas também a construção de uma pedagogia que se ancora no afeto, no quilombamento, saberes ancestrais e descobertas sobre nós mesmas. A relação que formamos se tornou um espaço de aprendizado mútuo, onde cada troca e partilha de vida nos permitiu ressignificar nosso percurso na universidade e compreender que não estávamos sozinhas, esse processo possibilitou a nos olharmos olho a olho com solidariedade, irmandade e amor (HOOKS, 2019). Assim, consideramos que nossa amizade é baseada em uma afroafetividade, uma prática revolucionária de resistência e existência dentro de espaços historicamente excludente (ULISSES, 2024), onde nos encorajamos diariamente, diante dos desafios impostos pelo racismo institucional e reafirmamos como o afeto se tornou um caminho para a construção de uma educação antirracista, que como futuras educadoras queremos repassar para os nosso futuros alunos.

A partir dessa perspectiva, no contexto da sala de aula, a aplicação dessa afroafetividade como elemento pedagógico contribui na formação de ambientes educativos mais democráticos e representativos (ULISSES, 2024). Ao integrar o afeto e a ancestralidade na prática pedagógica, é promovido um ensino que vai além do simples ato de transmitir conhecimento, estimulando empoderamento dos estudantes, afirmando que sua identidade e cultura sejam reconhecidas e respeitadas em sua integralidade (SANTOS, 2022). No caso da nossa trajetória, nós sentimos na própria pele o impacto positivo da afroafetividade, que se firmou em nosso percurso acadêmico como um refúgio e nos permitiu enfrentar as adversidades institucionais com mais confiança. Acreditamos que, assim como essa abordagem tem sido importante em nossa jornada universitária, ela pode transformar a experiência escolar de muitas crianças e jovens, criando um lugar onde todes têm a oportunidade de se desenvolver

plenamente, com um devido letramento racial (BRAÚNA, SOUZA E SOBRINHA, 2022), sem exclusão, marginalização ou apagamento histórico.

A PEDAGOPRETA por exemplo, conceituada por Xavier e Meijer (2023), é essencial para a compreensão da nossa identidade profissional e das práticas pedagógicas que queremos cultivar. Ela nos mostra que ser uma mulher negra na educação envolve enfrentar desafios que vão além da formação acadêmica. Segundo as autoras, essa abordagem enfatiza a necessidade de assegurar o protagonismo negro na educação, promovendo a implementação da lei 10.639/2003 e garantindo que a história e cultura afro-brasileira sejam elementos que complementem o ensino. Consoante a isso, Petit (2015) discute como o currículo escolar tradicional desconsidera diversas narrativas e epistemologias negras, reforçando a marginalização desses saberes. Dessa maneira, é fundamental que nós, como futuras educadoras negras, possamos nos basear em nossas próprias experiências e saberes afrocentrados, valorizando nossa ancestralidade, nossa história e a afroafetividade como parte da criação de uma práxis pedagógica que não apenas resiste, mas transforma.

Conclusões

Portanto, as relações afroafetivas têm um impacto significativo enorme em nossa trajetória acadêmica e profissional, por isso, é importante ressaltar que a afetividade vai além de um aspecto pessoal, ela é uma ferramenta fundamental para a educação. A afroafetividade e a conexão que criamos nos permitiram transformar os desafios em aprendizagens e descobertas, nos fortalecendo para uma docência que valoriza a autoestima e identidade dos nossos futuros alunos e alunas negros. Ao compreendermos e nos apropriarmos desse legado, reiteramos a importância de ocuparmos espaços de ensino e aprendizagem com uma educação que nos representa, nos edifica e rompe com as imposições coloniais que ainda estruturam a escola e a universidade. Assim, o amor que construímos em comunidade nos acompanhará, não importa onde estivermos (HOOKS, 2021). Esse amor, que vem das nossas raízes e coletividades, simboliza um compromisso contínuo com a transformação da educação. Com isso, garantimos que as próximas gerações tenham a oportunidade de crescer em ambientes mais justos, inclusivos e fortalecidos pelo afeto.

Palavras-Chave: Identidade Negra; Permanência Acadêmica; Educação Antirracista; Descobertas; Ancestralidade.

Referências Bibliográficas

ULISSES, Sara Raquel de Alencar. **Pedagogia Afro-Afetiva: um relato de experiência.** Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências – RIEC, v. 7, n. 2, p. 607-628, 2024

PETIT, Sandra Haydée, **Pretagogia: Pertencimento, Corpo-Dança Afroancestral e Tradição Oral** Contribuições do Legado Africano para a Implementação da Lei Nº 10.639/03. Fortaleza: EdUECE, 2015.

Xavier, Marília Farias ; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva . **A Pedagopreta: Mulher-Negra-Educadora, Pretagogia e Escrivivência** na construção de uma Educação Afrocentrada. In: Elcimar Simão Martins; Elisangela André da Silva Costa; Emanuel Rodrigues Almeida; Rebeca de Alcântara e Silva Meijer; Sinara Mota Neves de Almeida. (Org.). Formação docente, práticas educativas (decoloniais) e avaliação: múltiplos olhares. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2023, v. 1, p. 315-330

XAVIER, Marília Farias ; MEIJER, Rebeca de Alcântara e Silva. **Pedagopreta: Pretagogia, Ancestralidade e Identidade Profissional De/Para e Para Mulheres-Negras-Educadoras**. 2023

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado (Org). **Escrivivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo**. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020, p. 26-47.

HOOKS, Bell. **Olhares negros: raça e representação / bell hooks**; tradução de Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2019. p. 86. p. ISBN 978-85-93115-21-9

HOOKS, Bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas / bell hooks**; tradução Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021. p. 16.

SANTOS, F. S. **Leia-me negras: insurgências afroafetivas na prática pedagógica** [online]. Ilhéus: EDITUS, 2022, 173 p. Transfluência Séries. ISBN: 978-65-86213-97-3

BRAÚNA, Carla Jeany Duarte; SOUZA, Davison da Silva; ANDRADE SOBRINHA, Zélia Maria Lemos. **Letramento racial crítico: ações para construção de uma educação antirracista**. Ensino em Perspectivas, Fortaleza, v. 3, n. 1, 2022.